



Apresentação da Revista Tempos e Espaços em educação, volume 9, número 18, jan-abr, 2016

Alfrancio Ferreira Dias¹

Nessa edição, o Conselho Editoria da Revista Tempos e Espaços em Educação tem a satisfação de apresentar ao leitor o Número Temático: “Currículo, Ortodoxia e Transgressão”, organizado pela professora Jesus Maria Sousa do Centro de Investigação em Educação da Universidade da Madeira, Funchal, Portugal. O foco desse dossiê está em abordar o Currículo, tentando cruzá-lo com Ortodoxia e Transgressão.

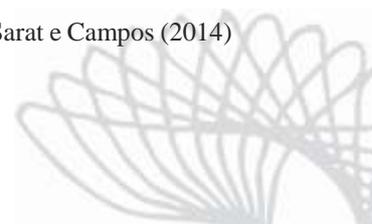
O seu desafio foi, segundo Sousa (2016), debater o currículo, sob o “prisma da ortodoxia e da transgressão, quer defendendo a institucionalização do conhecimento como forma de empoderamento pessoal, quer admitindo e promovendo mesmo a transgressão do currículo de maneira a ir ao encontro das diversas mundividências que conferem identidade própria”. O artigo “Inovação Pedagógica e Ortodoxia Curricular” (2016) de Carlos Nogueira Fino discute a impossibilidade de o currículo poder constituir-se em fonte de transgressão, assumindo-se, pelo contrário, como fonte de mesmice e de ortodoxia. O artigo “Teacher Professionalism and Curricular Change - the Tension between Governance, Control and Professionalism in School” (2016) de autoria de ylvi S. Hovdenak e Eline F. Wiese, examinando o processo de mudança curricular norueguesa das reformas dos anos 90 até hoje, discutimos como os diferentes currículos de maneiras diferentes afetam as possibilidades que os professores têm de atuar como agentes profissionais na sala de aula. O artigo “Instituintes Culturais da Experiência Curricular-Formativa:

¹ Universidade Federal de São Cristóvão, Sergipe, Brasil.



Bases Teóricas para um Etnocurrículo” (2016) de Roberto Sidnei Macedo e Denise Guerra apresenta um conjunto de conceitos e argumentos entendidos como instituintes culturais da experiência curricular-formativa, tendo como o objetivo central, criar bases argumentativas para um etnocurrículo. No artigo “Currículo, Transgressão e Diálogo: quando Outras Possibilidades se Tornam Necessárias” (2016), Antonio Flavio Moreira e Paulo Melgaço da Silva Júnior defendem uma apropriação das teorias tradicionais e críticas, em um trabalho estimulado pela promoção de um diálogo que favoreça novas formas de interação, de participação, de avaliação, de compreensão e de transgressão. O artigo “O professor como decisor curricular: de ortodoxo a cosmopolita” (2016) de José Carlos Morgado reflete a partir da mudança de paradigma social com que nos confrontamos recentemente, o impacto em termos educativos, incidindo especificamente nos papéis desempenhados pelos professores em sucessivos cenários de mudança. O artigo “O (pós) crítico na Desconstrução Curricular” (2016) de José Augusto Pacheco e Joana Sousa defende, em termos conceptuais, as teorias crítica e pós-crítica existem numa multiplicidade de abordagens e que as suas diferenças se inscrevem em redes conceptuais de discursos e práticas que têm aspetos em comum, mesmo que, por vezes, pareçam antagónicas. No artigo ““Brutti, Sporchi & Cattivi”: Towards a Non-Abysal Curriculum” (2016), João M. Paraskeva defende uma teoria de currículo itinerante que ajudará a criar novos caminhos para entender o campo à luz das classes dentro e fora do eurocentrismo, prestando atenção a outras epistemologias além da estrutura ocidental. O artigo “Transgredir para Empoderar - O Empoderamento das Jovens Mulheres pela Educação” de Liliana Rodrigues apresenta a base científica e ideológica, de um relatório solicitado pelo Parlamento Europeu à Comissão dos Direitos das Mulheres e da Igualdade dos Gêneros que pretende assegurar uma educação democrática e a educação para a igualdade dos gêneros². No artigo “Refraction as a Tool for Understanding Action and Educational Orthodoxy and Transgression” (2016), Tim Rudd e Ivor. F. Goodson tentamos desenvolver ainda mais o conceito de 'refração' (GOODSON & RUDD, 2012; RUDD & GOODSON, 2014). Ele enfatiza a investigação empírica nos níveis supra, macro, meso e micro, fornecendo análise simultânea da estrutura e da agência. O artigo “Repensar o Currículo como Emancipador” (2016) de Jesus Maria Sousa discute como “num mundo cada vez mais globalizado e altamente competitivo, de mudança acelerada a todos os níveis sob a batuta das tecnologias de informação e comunicação, não poderá o currículo ser efetivamente um instrumento de emancipação?”. O artigo “Non-Affirmative Curriculum Theory in a Cosmopolitan

² Sobre os estudos de gênero ver os trabalhos de Cruz (2014), Dias (2014), Gomes-da-Silva (2014), Sarat e Campos (2014)



Era?" (2016) de Michael Uljens discute a elaboração nacional de currículo e a teoria curricular são desafiadas pelo crescimento global das interdependências políticas, econômicas e tecnológicas, processos de homogeneização transnacional e agregação.

Nessa perspectiva, espero que esse número temático contribua para a formação de nossos leitores e para os estudos curriculares brasileiros.

REFERÊNCIAS

CRUZ, M. H. S. A Crítica Feminista à Ciência e Contribuição à Pesquisa nas Ciências Humanas. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 7, n. 12, p. 15-28, 2014. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/2949>

DIAS, A. F. Como as escolas educam corpos nas práticas pedagógicas?. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 7, n. 12, p. 103-112, 30 abr. 2014. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/2958>

FINO, C. N. Inovação Pedagógica e Ortodoxia Curricular. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, São Cristóvão, v. 9, n. 18, p. 13-22, 14 abr. 2016. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/4959>.

GOMES-DA-SILVA, P. N. Pedagogia da corporeidade: o decifrar e o subjetivar na educação. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, .7, n. 13, p. 15-30, 2014. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/3255>

HOVDENAK, S. S.; WIESE, E. F. Teacher Professionalism and Curricular Change - the Tension between Governance, Control and Professionalism in School. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, v. 9, n. 18, p. 23-34, 14 abr. 2016. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/4960>.

MACEDO, R. S.; GUERRA, D. Instituintes Culturais da Experiência Curricular-Formativa: Bases Teóricas para um Etnocurrículo. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, v. 9, n. 18, p. 35-44, 10 abr. 2016. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/4961>.

MOREIRA, A. F.; SILVA JÚNIOR, P. M. DA. Currículo, Transgressão e Diálogo: quando Outras Possibilidades se Tornam Necessárias. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, v. 9, n. 18, p. 45-54, 2016. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/4962>.



MORGADO, J. C. O professor como decisor curricular: de ortodoxo a cosmopolita. Revista Tempos e Espaços em Educação, São Cristóvão, v. 9, n. 18, p. 55-64, 2016. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/4964>>.

PACHECO, J. A.; SOUSA, J. O (pós) crítico na Desconstrução Curricular. Revista Tempos e Espaços em Educação, São Cristóvão, v. 9, n. 18, p. 65-74, 2016. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/4971>>.

PARASKEVA, J. M. “Brutti, Sporchì & Cattivi”: Towards a Non-Abysal Curriculum. Revista Tempos e Espaços em Educação, v. 9, n. 18, p. 75-90, 10 abr. 2016. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/4966>.

RODRIGUES, L. Transgredir para empoderar: o empoderamento das jovens mulheres pela educação. Revista Tempos e Espaços em Educação, São Cristóvão, v. 9, n. 18, p. 91-98, 2016. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/4967>>. DOI: <https://doi.org/10.20952/revtee.v9i18.4967>.

RUDD, T.; GOODSON, I. F. Refraction as a tool for understanding action and educational orthodoxy and transgression. Revista Tempos e Espaços em Educação, São Cristóvão, v. 9, n. 18, p. 99-110, 2016. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/4968>>. DOI: <https://doi.org/10.20952/revtee.v9i18.4968>.

SARAT, M.; CAMPOS, M. I. Gênero, sexualidade e infância: (Con)formando meninas. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 7, n. 12, p. 45-56, 2014. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/2951>.

SOUSA, J. M. Repensar o Currículo como Emancipador. Revista Tempos e Espaços em Educação, v. 9, n. 18, p. 111-120, 11 abr. 2016. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/4969>.

ULJENS, M. Non-Affirmative curriculum theory in a cosmopolitan era?. Revista Tempos e Espaços em Educação, São Cristóvão, v. 9, n. 18, p. 121-132, 2016. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/4970>>. DOI: <https://doi.org/10.20952/revtee.v9i18.4970>.

